



# Natal

**D**EFORMADO como vem sendo desde há muito, o conceito do Natal exige, ao menos dos cristãos, um esforço de rectificação pela inteligência que evite este crescimento tão desmedido do império da sensibilidade, de o subjuga.

Festa de alegria?... — com certeza! «Um Filho nos foi dado. Nasceu para nós o Salvador». Os Céus iluminaram-se, os Anjos apareceram, os pastores rejubilaram.

Mas terão algo de comum com esta Luz, as luzes que se multiplicam nas ruas das nossas terras? Terá a ale-

gria da festa que hoje fazemos a mesma causa e expansão semelhante à dos pastores daquele tempo? Ouvintes da mensagem celeste, eles foram ao Presépio e os seus olhos viram uma cena de penúria que o Menino transfigura e lhes dá a intuição do Dom Imenso que aquela gruta encerra. Também o ouro e as pedras preciosas estão escondidas na profundidade da terra, à superfície, vulgar.

Os pastores, porém, não se prendem na vulgaridade desinteressante do que os seus olhos vêem, sim na visão de Alguém que vem

para transformar o Mundo. Decerto não a entendem perfeitamente, mas recebem-na no íntimo de si — e a inteligência da visão ir-se-á aperfeiçoando. Mas não a maculam com nada de artificial. Os seus louvores são um testemunho a passar de geração em geração com a boa notícia de que o Salvador já veio; e para O acolher é necessário um coração simples como o deles.

Eis o que nos faltará para recebermos e celebrarmos o Natal condignamente. Ele marca o princípio dos novos tempos — os Últimos Tempos — em que Deus feito

Homem vem chamar os homens a uma ordem de Justiça em que eles próprios são cooperadores. A Salvação vem de Deus, sem qualquer direito nosso de reclamá-la; mas é oferecida a todos os homens para ser assumida e realizada também por eles. Não há passivos na Obra da Salvação.

A penúria com que esta Obra começa, sugere que o seu fundamento é justamente a Pobreza; e que todo o esforço que o homem tem de juntar à vontade salvífica de Deus não depende essencialmente de nenhum outro bem que não seja a sua própria vontade em sintonia com a de Deus, pois tudo o mais virá por acréscimo. Outros bens vão sendo, porventura, necessários... Mas porque accidentais, serão necessitados pelo bem essencial. A vontade e dedicação do homem é antena que os capta.

Diferente é o discurso que nos satura os ouvidos. Quando os senhores do mundo saem a anunciar qualquer projecto que irá beneficiar a muitos, tudo começa pelo gorgolejo dos milhões que irão ser investidos. Por isso

Continua na página 3

## Malanje

22/10/2000

### O Senhor fugiu das catedrais

**E**NQUANTO o cântico de entrada quase rebenta o tecto de lona nesta Capela de adobes, olho o sino original — uma jante de carro — pendurado numa velha árvore. Tudo simples: até o altar de barro e os bancos de bambu.

O Senhor fugiu das catedrais, grandes e solenes, e, de calças rotas e sandálias de pneu acompanha, extasiado, os gestos e os cânticos. Cedeu-as, de bom grado, aos turistas que nem sequer O conhecem... Ouviram falar dum grande Rabi que fez milagres nas aldeias da Galileia. São engraçados e cómicos, de olhos poisados nas talhas doiradas e ogivas de pedra. Para não voarem até aos vitrais, fincam os pés no chão e tiram uma foto. Mesmo engraçados!

O cântico acabou. Fui receber, à entrada da Capela, um bebé, sete rapazes e duas senhoras para receberem o Baptismo.

Mesmo certo que o Senhor se mudou e está passando pelos bairros dos refugiados de todo o mundo!

Capelas toscas, chão de terra, filhos estrangeiros nas suas próprias Pátrias — como Ele, nos caminhos, longe de Nazaré!

Agora, a água para o sacramento... O Senhor sorri ao vê-la deslizar pelas cabecinhas até à bacia de plástico... Deve estar pensando no Jordão, onde correu pelos Seus cabelos e caiu em gotas no remanso tranquilo.

01/11/2000

### Diamantes à vista

**Q**UANDO viajo, Luanda/Malanje, peço sempre ao senhor polícia licença para tomar um cafezinho na sala do executivo (VIP). Ele sempre — «que sim». Entro e saboreio. Desta vez a sala repleta, mas sem um único malanjino. Somente congolese com os rádios no máximo a falarem francês... Corrida aos diamantes no rio Quanza e área de Cangandala.

Na mesma zona, junto das lindas quedas, portugueses e angolanos costumavam tomar banho e abriam garrafões de capacete nas areias brancas.

Continua na página 3

## CALVÁRIO

# Condimentos

**N**UM recanto aprazível, abrigado dos ventos, temos diversos canteiros de plantas aromáticas. Estas são variedades simples, humildes porque rasteiras. Não dão flores vistosas, mas discretas e quase sumidas nas folhas. Um é de salva, outro tomilhos, outros de orégãos, alfavégas, coentros e até de manjerona e menta. No meio deles crescem plantas de chá. Não é apenas para a vista e o olfacto que as plantas ali se encontram. É para a nossa mesa, onde dão paladar àquilo que comemos. Regalam quase todos os sentidos.

A vida moderna é por vezes insípida, monótona, desagradável até. Muitos procuram coisas complicadas e engenhosas para a melhorar. E o dinheiro é sempre o suporte, a força capaz de novidade. Mas, às vezes, cobra-se o amargo da sua utilização.

Poucos recorrem às coisas simples para adocicar a vida. Só elas, porém, dão o maior paladar ao viver: como a delicadeza, a gratidão, a disponibilidade, a boa disposição, a amizade e até a contemplação do Belo e da Natureza. Coisas baratas ao alcance de todos!

Cristo era observador nato da Natureza. Convivia com ela e nela descobria os caminhos exemplares para o comportamento sadio do homem: — *Olhai os lírios do campo. Olhai as aves do Céu!*

A presença do homem à Natureza torna-o diferente. Integra-o no cosmos de que faz parte, de que é a parte inteligente. É, pois,

nela, na Natureza que pode aprender a viver de modo mais verdadeiro e recto.

Cristo era também observador da conduta dos homens. Ele não declarou felizes os que possuíam muito, mas os que eram capazes de viver no desprendimento dos bens, na abertura do coração aos outros, na simplicidade — *simples como as pombas*. Quantas parábolas não ficaram por registar dos ensinamentos de Cristo!

Ora a vida destes doentes é uma parábola permanente. Eles são felizes com pequenos nada. Regalam-se com a vida que levam. Nem precisam de ir longe para sentirem encanto e paz.

A tia Adelaide dizia-me, há dias: — *Sabe?, estou a olhar para esta carvalha, já tão velhinha e carcomida. Está aqui defronte da varanda para, com a sua sombra, fazer companhia aos doentes. Eu, já perto dos cem anos e neste carro de rodas, sou parecida com ela. Também aqui me encontro, apenas para fazer companhia. Às vezes, penso que Deus se esqueceu de mim. Mas talvez não. Ele ainda quer que eu vá fazendo companhia aos doentes.*

A sua presença é, na verdade, um condimento saudável na vida dos que a rodeiam. Faz bem a sua presença humilde, discreta, sensata.

Faz-nos bem igualmente pensar em como vamos aproveitando e saboreando os nossos dias, a nossa vida.

Padre Baptista



Um recanto aprazível do Calvário

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**NATAL** — Tempo de Advento. O Natal está próximo. «Advento é tempo propício de conversão, esperança e anúncio da Liberdade de Deus.»

Surge, agora, outro caso de doente pobre incurável que vivia em uma moradia do Património dos Pobres.

Temos dado algum realce a problemas desta ordem porque, às vezes, familiares há que procuram afastar-se deles, o que nos obriga a motivá-los, de várias formas, para as suas responsabilidades. Trabalho árduo, em um tempo de egoísmo feroz.

No caso vertente, uma mãe de família tendo já no seu lar um paraplégico incontinente, recebe agora no pequenino calvário uma sua tia vítima de AVC que a prostrou no leito — também ela incontinente — como se fosse o próprio Jesus!

O salário do marido anda pelos mínimos da Lei, no seu ofício, e não daria já para a alimentação do agregado, para a visita do médico, para remédios, fraldas, etc.

Nós procuramos suprir com as ofertas dos nossos Leitores. Deste modo compensando a generosidade da dita samaritana, mulher de fé viva e consciente, cujo enorme sacrifício afirma, da sua boca, com verdade e simplicidade: — Não se paga com nada deste mundo!...

**PARTILHA** — Assinante 67835, de Ribeira de Flandres, Covilhã, presente com «saudações» e um cheque de quarenta mil. Retribuímos aquelas, agradecemos estas.

Areias, Vila do Conde, «Pequena lembrança para ajuda dos que mais precisam». E são tantos!

Assinante 52852, de Aradas (Aveiro): O «excedente será utilizado como sabeis fazer», ficando a assinatura d'O GAIATO em ordem.

Vilar do Paraíso: O assinante 26040, também põe a anuidade do Famoso em dia. «Não posso passar sem ele!», afirma em cartão de B.F. «E o restante será para entregarem ao Júlio Mendes que lhe dará o melhor destino — os Pobres».

Assinante 11856, do Porto, com 7.500\$00 para a Conferência e «não esqueçam os nossos mortos a quem muito amamos!»

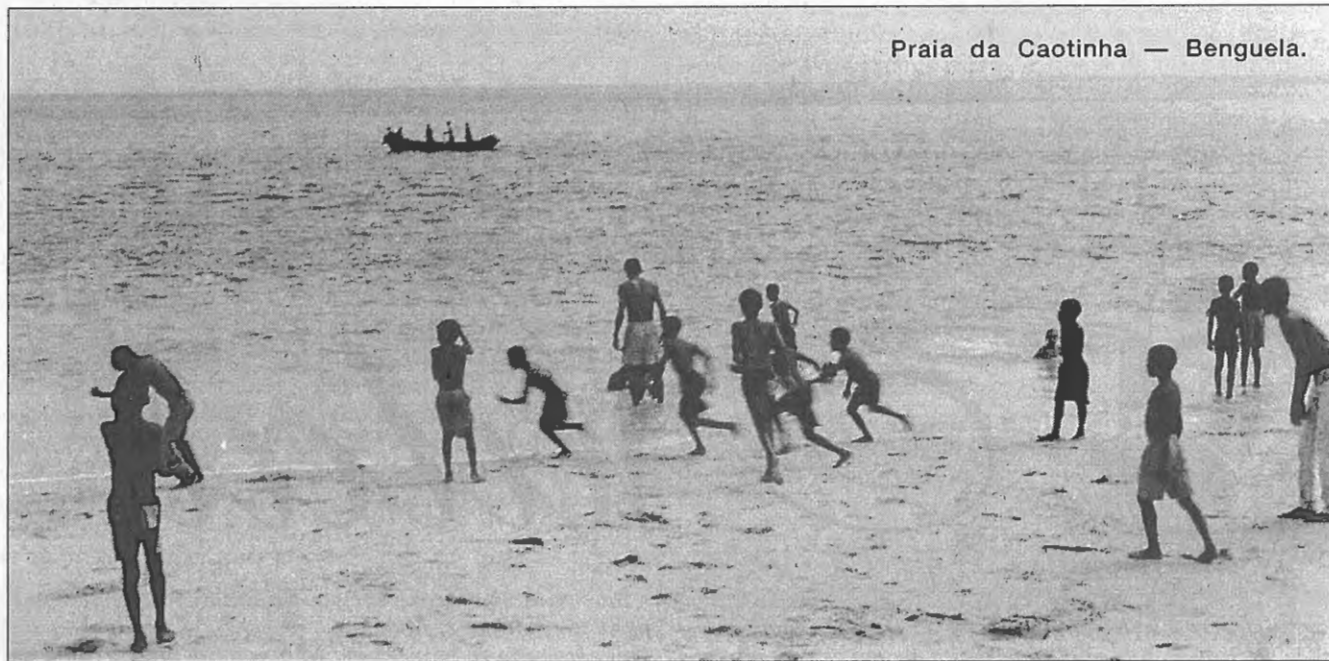
Fiães (Feira): No topo da carta da assinante 31254, um destacado «Bom dia!» E um complemento directo: «Cada vez que sorris, acende-se uma esperança e apaga-se uma tristeza», afirma o poeta. Oferece dez mil, «para medicamentos de um idoso».

Vinte e cinco dólares, pela mão de Maria Almeida, de Brick — N.J., U.S.A.

Assinante 35193, de Vila Nova de Gaia, outros dez mil, «para aplicarem no que for mais necessário». Lembra o seu querido marido, no Reino dos Justos.

Anónima, de algures, sublinha: «Mantem anonimato!» É uma carta rica, com abonada oferta:

«Entramos numa época do ano em que temos mais neces-



Praia da Caotinha — Benguela.

sidade de partilhar. Basta olhar o presépio. Todos nele partilharam algo de seu, para acolher Aquele que tanto dá. O meu donativo é a pensar n'Ele, na esperança de que na celebração de mais um Natal, os Pobres tenham mais conforto, alegria e sintam o valor espiritual da partilha».

Assinante 7464, da Capital, aí está «com muita amizade» e um valioso cheque.

Faro: Dezoito mil, do assinante 69436, «com o intuito de poder ajudar alguém que necessite. Poderia ser mais, mas um acidente veio ensombrar um pouco este período da nossa vida». Seja feita a vontade de Deus.

Assinante 14493, do Porto, «ainda impossibilitada de grandes movimentos, manda a contribuição de Novembro». As remessas de Setembro e Outubro chegaram a nossas mãos. Boas melhoras!

Assinante 55593, de Lisboa, salda contas do nosso Jornal. «E, porque gosto imenso de o ler e porque tal como aquele presbítero que o chamava 'Evangelho segundo O GAIATO', também eu acho que o seu conteúdo é uma verdadeira catequese que nos inquieta saudavelmente e nos desperta para a partilha e para o amor». O restante, disse, «será uma migalha para os Pobres, no imenso mar das necessidades».

Pedroso (Carvalhos): O assinante 63861 trouxe «pequena oferta para os mais necessitados. E continuem a enviar-nos as vossas notícias sempre bem recebidas!»

Assinante 23312, de Avanca: Cheque distribuído por várias intenções. Aos nossos Pobres coube vinte mil. «Leio sempre O GAIATO com muito interesse, pequeno-grande Jornal! Leitura tão simpática e tão verdadeira que nos faz pensar! Mas os meus oitenta anos, graças a Deus válidos, tornaram-me preguiçosa para escrever». Alma grande!

Em nome dos Pobres, muito obrigado. No entanto retribuimos, com amizade, as saudações natalícias dos nossos Leitores.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de

Jesus, c/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**DESPORTO** — Neste ano, e até ao momento, os iniciados estão imparáveis! Andam animados com os resultados obtidos. Espero que quando surgir o primeiro desaire, e ele aparece quando menos se espera, não desanimem, pois o futebol é mesmo assim. Começámos a época em 15 de Outubro com o Gil Vicente F.C. e fomos ao F.C. da Lixa, a 29.

Em Novembro jogámos: no dia 1 com o Sport Clube de Leixões; F.C. Avintes a 4; Sport Clube de Freamunde a 11; F.C. de Felgueiras a 18; e Atlético Clube Alfenense a 26. Este último foi mesmo debaixo de chuva. Só que, no final, os Directores do Alfenense apresentaram-nos uma mesa cheia...! Depois daquele esforço!..., todos ficaram mais satisfeitos. No regresso foi uma verdadeira festa durante a viagem, na camioneta. Cantavam e davam vivas uns aos outros. Faltava lá um — o Hugo — de cama com um problema na perna direita, que arranhou a jogar a bola na Escola. Vai ter para um tempinho. Mesmo ficando em casa, não foi esquecido. Também se ouviu o nome do Hugo: — Viva o Hugo! E toda a gente: — Viva!

É bom sinal! É tudo muito lindo. E o mais engraçado, é que todos estes jogos, mais os que se seguem, se Deus quiser, serão jogados com chuteiras novas, graças à boa vontade de D. Júlia Durinda, que conseguiu determinada verba para que as conseguíssemos adquirir. Agora, precisávamos de umas redes para as balizas. São tantos os golos que se marcam com as chuteiras novas, que já estão todas furadas! Seria uma rica prenda de Natal... Nunca se esqueçam de nós!

Alberto («Resende»)

## TOJAL

**NATAL** — Aproxima-se cada vez mais. O primeiro trimestre escolar está a chegar ao fim. E o pessoal fica preocupado com os testes. É preciso estudar para superar as dificuldades que vão aparecendo ao longo dos dias. Além disso, estamos preocupados com a nossa pequena festa de Natal, para que possamos transmitir algo a quem nunca ouviu falar de Jesus — o Salvador.

**FUTEBOL** — No último Domingo tivemos um jogo. Os adversários eram bastante fortes, mas não nos surpreenderam com a sua tática. Isso porque a nossa equipa também é bastante forte. Não tiveram a oportunidade de somar alguns pontos. Vencemos por sete bolas a uma.

O treinador sente-se preocupado por não poder pôr todos os jogadores em campo por falta de bolas de futebol. Agradecemos antecipadamente a quem nos puder oferecer as ditas.

**VISITANTES** — É uma alegria saber que não somos esquecidos.

Temos tido muitas visitas de escuteiros que vêm passar uma noite em nossa Casa. O palácio está disponível para, durante a noite, poderem descansar.

Esperamos mais grupos disponíveis para trocarmos palavras de amizade. Esperamos por vós, amigos.

**CAMARATAS** — A mobília da sala das camaratas foi substituída porque já estava bastante velha. Estava mesmo a precisar de ser trocada.

**AMBIENTE DE TRABALHO** — Temos novos computadores, também vamos ter mais estudantes. Muitos rapazes estão com vontade de aprender a trabalhar com os computadores.

**VIAGEM A FRANÇA** — Nos dias 20 e 21 de Novembro um grupo de doze rapazes da nossa Casa foi a Paris visitar a Eurodisneylândia, oferta da

agência de Viagens World Travel — Cruzeiro. Os contemplados tiveram êxito, o ano passado, no 4.º e 5.º anos. Uma viagem muito bonita! Muito obrigado à agência que teve esta boa ideia.

Abílio («Pequeno»)

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Estamos a chegar ao Natal, a quadra mais linda do ano. O actual é mais lindo ainda porque faz 2000 anos que nasceu o Menino Jesus.

Todos os que vivemos esta época somos privilegiados por podermos comemorar dois mil anos do nascimento do Filho de Deus. Há uma coisa que me entristece muito: o facto de terem inventado um pai natal que faz tudo, dá tudo. Quando era miúdo já se falava no pai natal, mas não tinha a importância que lhe dão agora.

O Menino é que vinha, na noite de Natal, pela chaminé. Trazia prendas às crianças que se portavam bem. Dá-me muitas saudades estas noites do Menino Jesus.

Agora, faz-me muita confusão o facto de que parece ninguém se lembrar que Natal é o Nascimento do Menino Jesus e que a festa e os presentes são em honra do Deus Menino.

Vou transcrever um pequeno poema dedicado à Noite de Natal de um autor antigo e desconhecido:

«Como é clara esta noite!...  
A madrugada tem receio  
[infinito de raiar,  
Tanto se vê confusa e  
[envergonhada,  
Ao clarão desta noite  
[singular!...  
Numa gruta esquecida  
[e abandonada,  
A Virgem-Mãe, chorando  
[de pesar,  
Nesta noite há milénios  
[esperada,  
Mostra o Seu Filho ao Mundo  
[a iluminar!...»

## RETALHOS DE VIDA

### Orlando



O meu nome completo é Orlando Caimbo Feliciano. Tenho 17 anos. Nasci na província da Huíla (Lubango) — Angola, aos 22 de Junho de 1983. O meu pseudónimo: Orlyester Crowley. Perdia a minha mãe a 31 de Janeiro de 1995 e, graças às Irmãs do Santíssimo Salvador do Lubango, vim para a Casa do Gaiato de Malanje a 9 de Março de 1996 onde fui muito bem recebido. Gosto imenso de estar cá, na companhia de numerosa família.

A poesia, leituras e um bate-bola de basquetebol completam o meu tempo livre. Mas a poesia é, para mim, uma aposta bastante séria, razão pela qual costumo dizer assim:

Nos meus momentos de lazer, escrevo e descrevo factos vividos e convvidos, bem como, factos imaginários; escrevo e descrevo por intermédio da poesia que, segundo os meus pensamentos, a poesia completa. As minhas virtudes e a minha aposta de realização é o Sacerdócio e, pelo facto de ser muito brincalhão, as pessoas não acreditam.

Orlando Feliciano

# Natal

Continuação da página 1

tantos desses projectos ficam pelo meio..., ou resultam estéreos dos benefícios prometidos. É linguagem bárbara na ordem da Salvação que Jesus inaugurou.

O Natal vem confirmar que o grande valor é o Homem. Para reformular o seu destino, Deus Se fez Homem em Jesus Cristo. Na paixão de todas as vicissitudes por que os

homens passam, até a morte!, Cristo fundamentou a autenticidade da Sua identificação com eles e, para eles, Se fez: «Caminho, Verdade, Vida». Deu-nos a possibilidade de fazermos dos nossos sofrimentos compaixão dos dEle — Ele que por misericórdia veio padecer os nossos! — e com tal, eles se valorizam divinamente e nos investem obreiros da Salvação.

No materialismo dos nossos Natais (e em tantas áreas e tempos das nos-

sas vidas!) dói constatar a desconideração dos homens por si mesmos. Pela ambição de poder, de riquezas, de comodidades, são capazes de atropelar outros, às vezes povos inteiros, e nem reparam que se atropelam a si próprios — que todos esses «valores» que sublimaram, se sublimarão... sem sequer deixar o odor sadio da naftalina.

O Natal de Jesus Cristo todo feito de valores de Pobreza e de Humildade quer dizer-nos como devemos renascer para uma vida com Futuro. Pai Américo apreendeu tão bem e apontou-nos como aprender a Sabedoria do progresso social: — «Regressa a Nazaré».

Padre Carlos

# Malanje

Continuação da página 1

Vieram os congoleses, escavaram na areia e diamantes à vista!

Soube, há dias, que só um rendeu milhares de dólares! Bonito serviço!

E vem a loucura dos dólares! O sangue salpicando de vermelho as areias brancas!

O contraste vivo com a situação dos deslocados...

O avião atrasou. São horas do segundo cafézinho e aí vou eu, de saco às costas, receber do amigo polícia o — «que sim».

Padre Telmo

## SETÚBAL

# Fui a Moçambique

A nossa Casa, nos Pequenos Libombos, a quarenta quilómetros de Maputo.

Para além de visitar o nosso Padre José Maria, a Irmã Quitéria e os rapazes, motivava-me, acompanhar o grande pintor de arte sacra, o senhor Arquitecto João de Sousa Araújo, que projectara a Capela e a enriquecera com um grande crucifixo em vitral emoldurado por uma magnífica pintura de dezasseis metros quadrados, resumindo o centro da história da nossa Salvação.

O artista ia colocar as telas à volta do vitral e retocá-las, depois de coladas nas chapas de madeira seguras a uma parede de pedra tosca, num oitavo de círculo, por detrás do altar.

Uma genuína amizade fraterna e uma cordial gratidão me ligam ao senhor arquitecto.

Não tenho conhecimentos nem sensibilidade à altura de apreciar as suas obras, mas acho-as de uma profunda intuição religiosa, de beleza incomparável e clara percepção.

As nossas Capelas, no Lar e em Casa, e a nossa sala de jantar espelham bem o que acabo de escrever.

Tinha-o apresentado ao Padre José Maria num minúsculo cartão: — Vai aí fulano. Dispõe dele como for necessário.

Logo ali rasquinhou um projecto escolhendo o lugar na Aldeia de o Gaiato de Moçambique.

Apresentou-me, depois, já elaborado e remetido ao destinatário. Gostei imenso e animei o Padre irmão a que se lançasse à obra que a

Casa de Setúbal colaboraria.

Daqui o meu desejo de ver o projecto realizado e acompanhar o seu autor nesta última jornada.

A Capela é um cone em colmo, com trinta metros de altura e quarenta de diâmetro na base que não chega ao chão, mas suspensão a dois metros do terreno de forma que toda a variada e riquíssima natureza fica à vista, convidando o homem a contemplar as obras do Criador.

Situada num alto rochedo deixa ver uma imensa represa sempre povoada de aves aquáticas abundantes e multicolores e uma longuíssima planície verde de todos os tons. O milho, o feijão, os citrinos, as papaias, as mangueiras e bananais, mais o teimoso capim de

toda a raça, convidam-nos a louvar a Deus. As vacas e as cabras, mais as galinhas do mato a pastar nos extensos campos envolvem-nos naturalmente em poesia bucólica e êxtase religioso.

Os bancos em anfiteatro são cavados na rocha à vista e ascendente. O altar é composto de duas pedras ali arrancadas, o mesmo acontecendo com a peanha da imagem de Nossa Senhora e do Santíssimo Sacramento.

A vista interior do cone de palha seca, doirada, cosida a tubos vermelhos apoiados uns nos outros em diagonal e em espinha, é de uma beleza incomparável e profunda originalidade africana.

Numa arquitectura integrada o autor jogou com a arte indígena e a cultura africana, resultando um monumento harmónico e belo, talvez único em toda a África.

Mas observei também a larga actividade apostólica do Padre José Maria. Um verdadeiro missionário que não se contenta em pregar as verdades da Fé e celebrá-las nas devidas ocasiões, mas um verdadeiro Pai doído das necessidades daquele povo tão desprezado.

Vi cinco postos de saúde que ele alimenta e paga. Berçários para medicação de crianças cujas mães não têm ideia do que é uma medica-

ção e o horário que exige. Salas para ilustração das novas mamãs e os cuidados que devem ter consigo e com os bebés em gestação.

Pequenas empresas de carpintaria, serralharia, construção de blocos de cimento, padaria, salas de passar a ferro e costura, muitas escolas com quase dois mil alunos a quem dá uma refeição diária, além dos cento e cinquenta rapazes que fazem a sua Casa e lhe exigem um carinho paternal contínuo.

A quarenta e dois quilómetros de estradas esburacadas, numa aldeia de densa população, criou também uma moagem para milho e torrefacção de farinha de mandioca, mais uma pequena fábrica de óleo de girassol e rícino. Muito trabalho para muita gente. Treino em cargos de responsabilidade de que aquele povo é tão carente e subida palpável do seu nível de vida.

Muitas casas a levantarem-se em blocos de cimento com relativa segurança e evidente promoção da dignidade humana. Um verdadeiro e admirável milagre da multiplicação dos pães. O que faz o poder da Pobreza!... E da fé neste poder!... Se puder voltarei a falar-te de Moçambique onde estive escassos oito dias.

Padre Acílio



Bairro dos Quatro Caminhos — Massaca (Moçambique).

Olhai o Céu como se enfeita  
[e canta!...  
— Glória in excelsis Deo!...  
[— Ó sacrossanta  
Limpidez desta Noite Irmã  
[da Luz!...  
E quando, finalmente,  
[amanhecia,  
Foi desta Noite que se fez  
[o 'Dia',  
Noite feliz em que Nasceu  
[Jesus.»

Desejamos a todo o mundo, em especial aos Amigos que ajudam os Pobres em todas as dificuldades, um Natal feliz, cheio de paz e muito amor.

Temos fé de que vamos conseguir arranjar maneira de que os nossos velhinhos e crianças tenham, em sua consoada, algumas guloseimas e brinquedos.

RECEBEMOS — Manuela Sá, de Ovar, um cheque. Leiria, outro, e uma cartinha com palavras amigas: «O Espírito Santo vos dê a força de que tanto

precisam». Maria Aragão, de Lisboa, vale de 10.000\$00. M. M., Porto, 10.000\$00, também.

Que o Deus Menino traga muitas coisas boas. Um santo Natal.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Maria Germana e Augusto

## SETÚBAL

CASAMENTO — Em 21 de Outubro houve mais um casamento. Os noivos e os convidados vieram de fora e todos bem arranjados. A noiva era bonita e trazia um lindo vestido cor de neve. A entrada e as ruas da Casa estavam cheias de carros, bem arrumadinhos. À saída da Capela os noivos

tomaram um banho de arroz e de flores; beijaram-se, felizes. As pessoas bateram palmas de alegria. A malta fica contente, pois nós gostamos muito de ver e de emprestar a Capela para casamentos e baptizados de famílias amigas dos gaiatos.

Carlos Alberto Nascimento

FISGAS — Gambia trouxe p'raí uma enorme quantidade de elásticos e distribuiu-os pela malta da casa 4.

Com bocadinhos de papel enrolados e dobrados ao meio, muitos fizeram os seus dardos que presos ao círculo do elástico esticado, servem para mandar à cara dos outros rapazes.

No balneário da mesma casa, ontem à noite, enquanto lavavam os pés e a boca, desenrolou-se uma autêntica batalha. O Brás, que é o chefe, ouviu a balbúrdia e foi ver.

Quem é que ele encontrou a fazer pontaria?  
— O Ibraim.

Vai para o repreender e pôr na ordem e o rapaz fuge da casa, descalço, em trajes menores, batendo a porta com estrondo e retilando de tal maneira que o Padre Acílio vem ver o que se passa.

Já vinha o Brás com o Ibraim filado por um braço, na penumbra das luzes saídas da janela da cozinha.

— É este gajo que andava a mandar fisgadas aos outros.

— Mas eles também me mandaram a mim.

— Mas só te vi a ti.

— Anda Ibraim, vai dormir em paz — diz-lhe o Padre Acílio. Vê se terminas o teu dia sem guerra.

É que este catraio anda sempre a armar guerra; por tudo e por nada, entra em luta. Só não trava combate entre os seus íntimos agressivos e a sua refulce.

CESARIANA — Uma das nossas novilhas enrolou a sua vitelhinha ao nascer.

Os vaqueiros estiveram várias horas a ajudar e não conseguiram. Chamou-se uma veterinária que depois de muitas tentativas disse que só uma cesariana poderia salvar a vaquinha e que o seu fruto já estava morto.

Veio outro veterinário e tentou também ele resolver a situação com normalidade, esforçando-se durante mais de duas horas, chegando, após tanto trabalho à mesma conclusão da colega.

Como não tinha ferramenta veio então o nosso veterinário com o carro apetrechado. Abriu a vaca e tirou-lhe o filho do útero e depois coseu tudo com a ajuda do Evelísio. A malta estava a ver e doeu-se do animal.

Era Domingo. Foi uma tarde de grande sofrimento. Maior foi ele, quando ao outro dia o animal estava morto. Enforcou-se no comedouro. Meteu a cabeça num lugar errado. Não foi capaz de a tirar. Caiu. Nin-

guém lhe acudiu. Estava com pouca força e morreu assim. Ficou toda a gente muito triste. Parecia que estávamos de luto.

LAGARTO — O Nuno foi posto fora da carpintaria por faltar ao respeito ao Mestre. Após vários dias de reflexão foi mandado pedir desculpa e portou-se bem na oficina. Não quis foi pedir trabalho a outra carpintaria.

Só lá esteve quatro dias. Foi mandado embora e há uma semana que vai para Setúbal arranjar trabalho. Mas ele não arranja nada.

Não quer ser verdadeiro e humilde. Reconhecer os seus erros. Quer é andar na boa-vai-ela pela cidade. Almoçar no Lar e fugir ao controle da Casa. Mas isto não vai continuar que o Padre Acílio põe cobro a este desequilíbrio. O Nuno já tem idade para reflectir. Esperamos que aprenda.

Repórter zero

## BENGUELA

## Cadeia de generosidade

«SE o amor não é celebrado, pode morrer», diz-se a respeito do amor conjugal. Pode cair na rotina se não for vivificado com vontade e criatividade. Em nossa vida não faltam as ocasiões para celebrarmos o amor. Quem nos dera aproveitá-las! É tão frágil o amor humano, tão vulnerável que, muitas vezes, cai ferido pela impaciência, pelo desânimo, pela rotina de todos os dias. Temos que ir à fonte. A fonte que é o amor de Deus que vem em nossa ajuda para curar as feridas resultantes do embate do tempo, das dificuldades do nosso dia-a-dia. É preciso sempre mais. Todos levamos este desejo dentro de nós. Quem o pode encher? Só Ele.

Quando vivemos mergulhados no oceano dos problemas das pessoas, nunca estamos satisfeitos enquanto não virmos os problemas resolvidos. É o que acontece conosco. É, porém, uma grande alegria quando estamos juntos; quando sabemos que uma multidão de gente amiga está a viver o mesmo desejo. Fazemos esta experiência diariamente. Tocamos nas vossas mãos estendidas a segurar as nossas. É uma cadeia de generosidade sem medida. Outras

mãos agarram-se às nossas como verdadeira tábua de salvação. Deste modo, sentimo-nos todos no mesmo barco a realizar a mesma missão.

Todos os dias, quase, somos procurados para receber novos rapazes. Dizemos que não porque estamos superlotados. Fazem falta as casas de acolhimento provisório, também chamados internatos de apoio à família. São um mal necessário, quer queiramos quer não. Sabemos que o ideal é que todo o filho nasça e cresça na sua família de sangue. É aí que deve desenvolver-se a pessoa. Mas, quando esta falta? Que fazer? Há que encontrar outra. As nossas Casas do Gaiato nascem para ser as Casas de família dos sem-família. De tal modo é assim que quando há um resto de família capaz de amar o filho, em verdade, não o recebo na Casa do Gaiato. Prefiro ajudar a família a ter o seu filho consigo. No princípio houve alguma dificuldade em entender esta posição, tal a avalanche de casos com problemas de crianças a bater-nos à porta. Alguém dizia que éramos muito selectivos. E éramos, na verdade, a favor dos mais abandonados. Somos os primeiros a defender o direito da criança à sua família quando

existe, capaz de a amar até dar a vida por ela. Esta é a nossa política. Como sabemos que não é possível resolver todos os problemas, vamos ao encontro dos que são verdadeiramente nossos até ao limite das forças.

Desta vez não resisti. Deixei-me comover pelas lágrimas de duas Irmãs, verdadeiras heroínas na trincheira da paz, na cidade do Cubal, a cerca de 180 quilómetros da Cidade de Benguela. Levam sobre os seus ombros um hospital com cerca de 600 doentes tuberculosos e mais outras tarefas de gigantes da caridade e promoção humana. Vi estas duas mulheres, uma médica e outra veterana nestas andanças, de lágrimas nos olhos a suplicar por duas crianças irmãs que assistiram à morte violenta da mãe, vítima da guerra, e ficaram sem ninguém. Há mais de quatro anos ninguém as procura. Não resisti. Ainda disse que não podia; que tinha a Casa superlotada. Mas fui vencido, graças a Deus. São dois irmãos: um de quatro anos e outro de oito. Vamos ficar com eles e ajudá-los a curar feridas profundas provocadas por aquele golpe de morte. Ao pensar que mais de 90% das crianças angolanas sofrem do trauma da guerra, crescem as nossas responsabilidades. Logo a seguir mais dois pedidos, fruto também da violência mortal. Disse que não até fazerem todas as tentativas a ver se encontravam um Lar que recebesse esses filhos. Foram-se embora ainda com um olhar de esperança na Casa do Gaiato. Prometi na esperança de que encontrariam o que buscavam. Obrigado!

Padre Manuel António

VIVIA com a sua avó — a outra mãe — numa rua, algures, nos arredores de Cascais. Foi numa tarde de Verão que nos conhecemos. O seu ar franzineto valeu-lhe logo a alcunha de «Toninho». Estando a sua avó incapaz de assumir o seu sustento e educação e desconhecendo-se o paradeiro da mãe e do pai — que diz não conhecer — logo veio conosco. Já lá vão dois anos! O seu desenvolvimento físico denuncia uma infância de privações e insuficiências que, apesar de tudo, contrasta com um espírito alegre e bem disposto, alma inteligente, como o prova o seu aproveitamento escolar. Tem um imaginário fértil e, quanto a referências familiares, abundantes. O pai — diz — vive aqui por perto e a mãe tem mesmo «residência fixa» em Coimbra... Está melhor, mas tem sido uma confusão. Sensível aos estímulos, aproveita toda a ocasião para se fazer notar; inventa «mil e um» motivos para ir à sala de costura, à cozinha, ao escritório. Esta manhã era por causa de umas

## TRIBUNA DE COIMBRA

## O «Toninho»

sapatilhas, depois os atacadores, em seguida a graxa... Mais tarde, noto que ainda não tinha lavado a cara. Foi num instante e logo que chega: — Já estou limpo... Veja... Olhe p'ra mim!

Estava de caneta voltada prò papel na mira desta Tribuna e, já algo incomodado. Parei, claro, e foi então que a sua história, em mim admirada, acordou: — Olhe p'ra mim... Estava feliz e sorridente. E eu, com pressa de escrever sobre o Natal, não tinha compreendido que estava perto do seu Mistério: — Olhe p'ra mim!... Mas é isto, precisamente, o Natal! Parar, olhar o Mistério que há em cada um de nós; em cada um daqueles que nos rodeiam. Pois bem! E se os presentes e bolas de luz cintilante, os sacos cheios de sonhos levarem consigo o segredo: — Talvez me sor-

rias de novo e me perdoes... Bendita Luz! Tem, então, sentido a festa, fazer a festa. Que a sociedade consumista não explore, não adultere. É preciso estar atento!

«Anguelusi» é a alcunha de um simpático tripeiro que cá temos. Ontem, recebeu a visita da mãe e outros familiares. No final, uma nota de mil. Esta manhã, quando o vi a caminho da Escola, levava consigo uma saca de pãozinhos: — É para comer no intervalo com os meus companheiros... Tinha gasto

tudo numa padaria próxima, nos tais pãozinhos para si e seus companheiros — que são mais que os trinta pãozinhos que levava no saco...

Podia ter gasto em outras coisas... E só para si! Mas não! Em pãozinhos para si e seus companheiros. Belo! Nem ele nem os seus companheiros aqui passam fome, que nem tu nem Deus permitem. Mais uma razão para considerar o gasto que sugere, algo da vivência do Natal. O «olhe para mim...» do «Toninho» e os pãozinhos do «outro» ajudam-me a preparar o verdadeiro Natal que é, no fundo, o de Jesus e de Maria. São uma verdadeira lição de Natal que tantas vezes esquecemos.

Padre João

## PENSAMENTO

O Evangelho é terrível! Corta, qual diamante. Abre fendas. Faz tremer. É a Palavra do Amor.

PAI AMÉRICO

## ENCONTROS EM LISBOA

## Um encontro

HÁ dias, os Catequistas da Vigararia de Loures estiveram em nossa Casa, durante um dia, a fazer um Retiro e a actualizar alguns dos seus conhecimentos. Pelo que me apercebi, havia muitas mães de família com as suas casas e os seus empregos; no entanto, foram capazes de se organizar para se retirarem este dia. Estes encontros fazem sempre muito bem. São, para utilizarmos a expressão do profeta, como a chuva miudinha que penetra a terra e não volta sem ter produzido o seu efeito. A Palavra de Deus entra lenta e sorrateiramente no coração dos homens que criam a disponibilidade e, depois, produz os seus efeitos na acção do dia-a-dia. Pena é que todos os cristãos não possam criar dentro deles a disponibilidade para participarem assim, em encontros de formação e oração. Pena é também que não sejam convocados mais vezes, sobretudo aqueles que andam demasiado ocupados e atarefados.

No final, alguns catequistas quiseram falar comigo. Algumas coisas que me disseram, têm a ver com o local do encontro. Fazer este encontro nesta Casa é como se estivéssemos a fazer uma lição de catequese ao vivo. Não são precisas muitas palavras. Basta abrir os olhos e o coração para nos apercebermos de muita coisa da mensagem cristã. É o sofrimento humano concretizado nestas crianças. É o povo que anda «como ovelhas sem pastor». É a acção da Igreja concretizada em «obras e verdade»...

Na conversa surgiu uma das dificuldades que sentem nos encontros semanais com as crianças e jovens. Falam,

transmitem palavras, mas fica sempre a saber a pouco a concretização da mensagem. Não sabem como fazer passar da palavra aos actos. Creio que este será sempre um enorme problema a resolver. Sentem que os mais novos se cansam com demasiadas palavras e acabam por desistir, dado que o discurso não encaixa com as suas preocupações. Haverá aqui um problema de método, mas há igualmente a dificuldade de transmitir o agir dos cristãos na cidade dos homens, face aos problemas enfrentados por todos. Faltam modelos.

Em final de conversa surgiu o problema da família. Organizam-se encontros para catequistas, para jovens, para noivos, etc. Mas não se encontra a forma de pegar na família. Às vezes, cada membro da família anda por seu lado e nunca têm tempo para, em conjunto, se confrontarem com a Palavra. Há tempos, numa reunião da Vigararia, este assunto também começou a ser abordado, concluindo-se que faltava uma pastoral familiar. Apesar de a Igreja ter a família como centro das suas preocupações, creio, na verdade, que lhe está a faltar o encontrar o caminho para colocar de pé uma pastoral capaz de abranger o conjunto familiar, sendo a família estilhada em pastorais sectoriais. Terminado o Jubileu, talvez haja tempo para esta reflexão. Este tempo de Natal será propício à sementeira. Com efeito, aparecemos na Liturgia toda a verdade da Sagrada Família: José, Maria, Jesus, vivendo em conjunto a aventura da vida e dos compromissos face a Deus e face aos homens.

Padre Manuel Cristóvão

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

## Nova casa

ESTIVEMOS na nova casa daquela família que, até há cerca de um ano, viveu num rés-do-chão de paredes negras; onde os patos e as galinhas se passeavam como coabitantes do mesmo tecto, que a todos abrigava.

Aquela mãe, nesse tempo, chorava a sua amargura por não ter para onde ir, pois impelida pela senhoria a abandonar a mansarda que habitava, ainda não tinha condições mínimas na casa que andavam a construir, e, também, não tinha posses para continuar as obras.

Com a presença e a insistência do Património dos Pobres, um empreiteiro, ainda que com falta de disponibilidade, arranhou dois ou três homens que levaram até ao fim os acabamentos da sua especialidade. Depois vie-

ram os carpinteiros, os canalizadores, os serralheiros e o electricista, e a casa ficou habitada nos primeiros meses deste ano.

Mas eis que as lágrimas voltam, de novo: o marido trabalha, embora seja pessoa de pouca saúde; a esposa vai dando algumas horas; o filho estuda por obrigação legal, mais que por vocação pessoal; e porque o muro que delimita a propriedade ainda não está construído, vem a fiscalização da Câmara e intimidada com multa pesada para as posses desta família.

O terreno havia sido comprado a preço baixo, mas porque situado no ângulo de duas vias, obriga à construção de muro-de-vedação com custo considerável.

Agora, vem a lição do Pobre: um defeito que entretanto aparecera na

tubagem da água, obrigou à chamada de canalizador, que realizou o trabalho com competência. A dona da casa teve de pagar o trabalho feito: — Não podia ficar a dever. Pois se quem fez o arranjo tem grandes encargos por doença de familiar, ela, por experiência própria, sabe bem o que isso significa!

Ora, nos dias que correm, com tanta abundância, muitas vezes ouvimos falar de casos em que o trabalhador não recebe o seu salário; de negócios, em que ficar a dever é sinal de elevado estatuto social; de promessas de felicidade pelo consumismo, caminho de aniquilamento de tantas famílias. Perante esta lição, podemos dizer que só o Pobre compreende o Pobre.

Mas o muro tem de ser construído. A vida em sociedade a isso obriga. Os fiscais vão acenando com a multa e nós já dissemos presente a esta mãe, para que, depois das lágrimas que regaram o seu Natal do ano passado, possa agora este que se avizinha, ser vivido com mais tranquilidade.

Padre Júlio